

Diversidade de vertebrados terrestres (Reptilia, Aves e Mammalia) em um remanescente de Mata Atlântica, município de Santa Maria do Herval (Rio Grande do Sul)

Larissa Hoff Schulz^{1*}, Marcelo Pereira de Barros²

¹Graduada em Ciências Biológicas, Universidade Feevale, Brasil. (*Autor correspondente: hoffschulzlarissa@gmail.com)

²Doutor em Qualidade Ambiental, Universidade Feevale, Brasil.

Histórico do Artigo: Submetido em: 08/04/2026 – Revisado em: 03/05/2026 – Aceito em: 02/06/2026

RESUMO

A Mata Atlântica, reconhecida como um dos biomas mais biodiversos e ameaçados do planeta, abriga um elevado número de espécies endêmicas, muitas delas sob risco de extinção. No estado do Rio Grande do Sul, esse bioma encontra-se altamente fragmentado, em função da expansão agropecuária, silvicultura e urbanização, o que compromete a integridade ecológica dos ecossistemas e a manutenção das populações faunísticas. Os remanescentes florestais atuam como refúgios fundamentais para a fauna silvestre e representam pontos estratégicos de conectividade funcional em paisagens altamente antropizadas. Neste contexto, o presente estudo teve como objetivo inventariar a fauna de vertebrados terrestres em um remanescente de Mata Atlântica (29°32'08.3"S 50°56'00.0"W), localizado na zona rural do município de Santa Maria do Herval/RS, por meio de armadilhas fotográficas *Suntek Trail*, modelos HC-802A e HC-900pro, contribuindo para o conhecimento da biodiversidade regional. Em 12 meses de monitoramento foram registradas 55 espécies, alocadas em 31 famílias e 15 ordens, sendo uma espécie de réptil, 21 de mamíferos e 33 de aves. Entre os registros, destacam-se as espécies vulneráveis *Alouatta guariba clamitans*, *Dasyprocta azarae*, *Eira barbara*, *Herpailurus yagouaroundi*, *Leopardus guttulus*, *L. pardalis*, *L. wiedii*, *Nasua nasua* e *Tamandua tetradactyla*. A riqueza registrada reforça a importância ecológica da área estudada para a conservação da fauna nativa e indica a necessidade de medidas que favoreçam a proteção dos remanescentes florestais.

Palavras-chaves: Espécies ameaçadas, Fauna silvestre, Remanescentes florestais, Sul do Brasil.

Diversity of terrestrial vertebrates (Reptilia, Aves and Mammalia) in a remnant of Atlantic Forest, municipality of Santa Maria do Herval (Brazil)

ABSTRACT

The Atlantic Forest, recognized as one of the most biodiverse and threatened biomes on the planet, is home to a large number of endemic species, many of which are at risk of extinction. In the state of Rio Grande do Sul, this biome is highly fragmented due to agricultural expansion, forestry and urbanization, which compromises the ecological integrity of ecosystems and the maintenance of wildlife populations. Forest remnants serve as vital refuges for wildlife and represent strategic points of functional connectivity in highly anthropized landscapes. In this context, the present study aimed to inventory the terrestrial vertebrate fauna in an Atlantic Forest remnant (29°32'08.3"S 50°56'00.0"W), located in the rural area of the municipality of Santa Maria do Herval/RS, using Suntek Trail camera traps, models HC-802A and HC-900pro, thereby contributing to knowledge of regional biodiversity. Over 12 months of monitoring, 55 species were recorded, belonging to 31 families and 15 orders, including one reptile species, 21 mammal species and 33 bird species. Among the records, the vulnerable species *Alouatta guariba clamitans*, *Dasyprocta azarae*, *Eira barbara*, *Herpailurus yagouaroundi*, *Leopardus guttulus*, *L. pardalis*, *L. wiedii*, *Nasua nasua* and *Tamandua tetradactyla* stand out. The recorded biodiversity reinforces the ecological importance of the studied area for the conservation of native fauna and indicates the need for measures that favor the protection of forest remnants.

Keywords: Threatened species, Wildlife, Forest remnants, Southern Brazil.

Schulz, L. H., Barros, M. P. (2026). Diversidade de vertebrados terrestres (Reptilia, Aves e Mammalia) em um remanescente de Mata Atlântica, município de Santa Maria do Herval (Rio Grande do Sul). *Revista Brasileira de Meio Ambiente*, v.14, n.3, p.63-78.



Diversidad de vertebrados terrestres (reptiles, aves y mamíferos) en un remanente de la Mata Atlántica, municipio de Santa Maria do Herval (RS)

RESUMEN

La Mata Atlántica, reconocida como uno de los biomas con mayor biodiversidad y más amenazados del planeta, alberga un elevado número de especies endémicas, muchas de ellas en peligro de extinción. En el estado de Rio Grande do Sul, este bioma se encuentra altamente fragmentado debido a la expansión de la agricultura, silvicultura y urbanización, lo que compromete la integridad ecológica de los ecosistemas y el mantenimiento de las poblaciones de fauna silvestre. Los remanentes forestales actúan como refugios fundamentales para la fauna silvestre y representan puntos estratégicos de conectividad funcional en paisajes altamente antropizados. En este contexto, el presente estudio tuvo como objetivo inventariar la fauna de vertebrados terrestres en un remanente de Selva Atlántica (29°32'08.3"S 50°56'00.0"O), ubicado en la zona rural del municipio de Santa Maria do Herval/RS, mediante cámaras trampa *Suntek Trail*, modelos HC-802A y HC-900pro, contribuyendo al conocimiento de la biodiversidad regional. En 12 meses de monitoreo se registraron 55 especies, distribuidas en 31 familias y 15 órdenes, de las cuales una era de reptiles, 21 de mamíferos y 33 de aves. Entre los registros, destacan las especies vulnerables *Alouatta guariba clamitans*, *Dasyprocta azarae*, *Eira barbara*, *Herpailurus yagouaroundi*, *Leopardus guttulus*, *L. pardalis*, *L. wiedii*, *Nasua nasua* y *Tamandua tetradactyla*. La riqueza registrada refuerza la importancia ecológica del área estudiada para la conservación de la fauna nativa e indica la necesidad de medidas que favorezcan la protección de los remanentes forestales.

Palabras clave: Especies amenazadas, Fauna silvestre, Remanentes forestales, Sur de Brasil

1. Introdução

A degradação ambiental tem sido evidente em distintas regiões do planeta, estando profundamente relacionada com a ocupação, exploração desordenada e desenfreada dos recursos naturais pela população humana (Bernardes, 2022). Dentre os grupos utilizados como indicadores ecológicos da qualidade ambiental, os mamíferos se destacam por responderem de forma rápida a fatores de estresse originados pela caça, perda de habitat ou presença de espécies exóticas, levando a alterações na composição e estrutura da comunidade presente (Aximof; Cronemberge e Pereira, 2015). É importante salientar que as mudanças climáticas têm fortes ligações com a perda da biodiversidade observada em praticamente todos os ecossistemas terrestres, aquáticos e marinhos. A resiliência dos ecossistemas e sua capacidade de reagir a essas mudanças dependem em grande parte de sua biodiversidade (Artaxo, 2020).

No Brasil são reconhecidas 856 espécies de répteis segundo a Sociedade Brasileira de Herpetologia (SBH), distribuídas em 39 espécies de Testudines, seis de Crocodylia e 811 de Squamata, sendo esta última representada por 81 anfisbênias, 295 lagartos e 435 serpentes. A porcentagem de espécies de répteis endêmicas do Brasil é de 47,2% (404 espécies) (Guedes; Entiauspe-Neto e Costa, 2023). Desse total, 71 espécies encontram-se ameaçadas de extinção conforme dados do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). No Rio Grande do Sul foram registradas 130 espécies de répteis, incluindo um jacaré, oito cobras-de-duas-cabeças, dez quelônios, 23 lagartos e 88 serpentes (Ufrgs, 2025). Entre essas, 12 estão listadas como ameaçadas de extinção pela legislação estadual, conforme o Decreto nº 51.797, de 8 de setembro de 2014.

De acordo com o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO), o Brasil apresenta a ocorrência de 1.971 espécies de aves, das quais 1.742 são residentes ou migrantes reprodutivas (nidificam no país), incluindo 293 espécies endêmicas. Além disso, 126 espécies aparecem regularmente como visitantes sazonais não reprodutivas, enquanto 103 apresentam ocorrência muito ocasional ou acidental, sendo consideradas vagantes (Pacheco et al., 2021). Entre essas, 256 espécies estão ameaçadas de extinção conforme dados do ICMBio. No Rio Grande do Sul foram registradas 686 espécies de aves, o que posiciona o estado na 12ª colocação entre as unidades federativas brasileiras em termos de diversidade ornitológica. Esse número corresponde a aproximadamente 35% das espécies do país (Piovesan, 2025). Entre elas, 100 espécies constam na lista de Fauna Silvestre Ameaçada de Extinção do Estado, conforme Decreto nº 51.797, de 8 de setembro de 2014.

O Brasil possui 790 espécies de mamíferos nativos de acordo com a Sociedade Brasileira de Mastozoologia (SBMz) (Abreu et al., 2025). Entre essas, 102 espécies estão ameaçadas de extinção conforme dados do ICMBio, sendo a maioria concentrada na Mata Atlântica (Branco et al., 2021). No Rio Grande do Sul foram registradas 165 espécies de mamíferos (Moraes; Roman e Cáceres, 2024), das quais 39 estão incluídas na lista de Fauna Silvestre Ameaçada de Extinção do Estado conforme o Decreto nº 51.797, de 8 de setembro de 2014. No estado, as ordens Chiroptera e Rodentia destacam-se por apresentarem a maior riqueza de espécies, enquanto outras nove ordens também ocorrem: Artiodactyla, Carnivora, Cetacea, Cingulata, Didelphimorphia, Lagomorpha, Perissodactyla, Pilosa e Primates. A ordem Sirenia (peixes-boi) é a única sem ocorrência registrada no Rio Grande do Sul (Weber; Roman e Cáceres, 2013).

A Mata Atlântica é reconhecida como um dos mais ricos biomas, formada por um mosaico de ecossistemas florestais, com estruturas e composições florísticas diferenciadas (Marques; Cademartori e Pacheco, 2011) e alto nível de endemismo (Bólla et al., 2017). Ela ocupava uma área de 1.110.182 km², correspondendo a 15% do território nacional, mas hoje restam apenas 12,5% da floresta que existia originalmente (Instituto Brasileiro de Florestas, 2025). É considerada o bioma mais devastado e ameaçado do Planeta, sofrendo um ritmo de mudanças que está entre os mais rápidos já observados (Cardoso, 2016). Atualmente vem sendo devastada com o processo de urbanização, visto que, mais de 60% da população brasileira reside em área de domínio de Mata Atlântica (Branco et al., 2021). A necessidade de ações que visem à conservação, é de grande urgência (Cardoso, 2016).

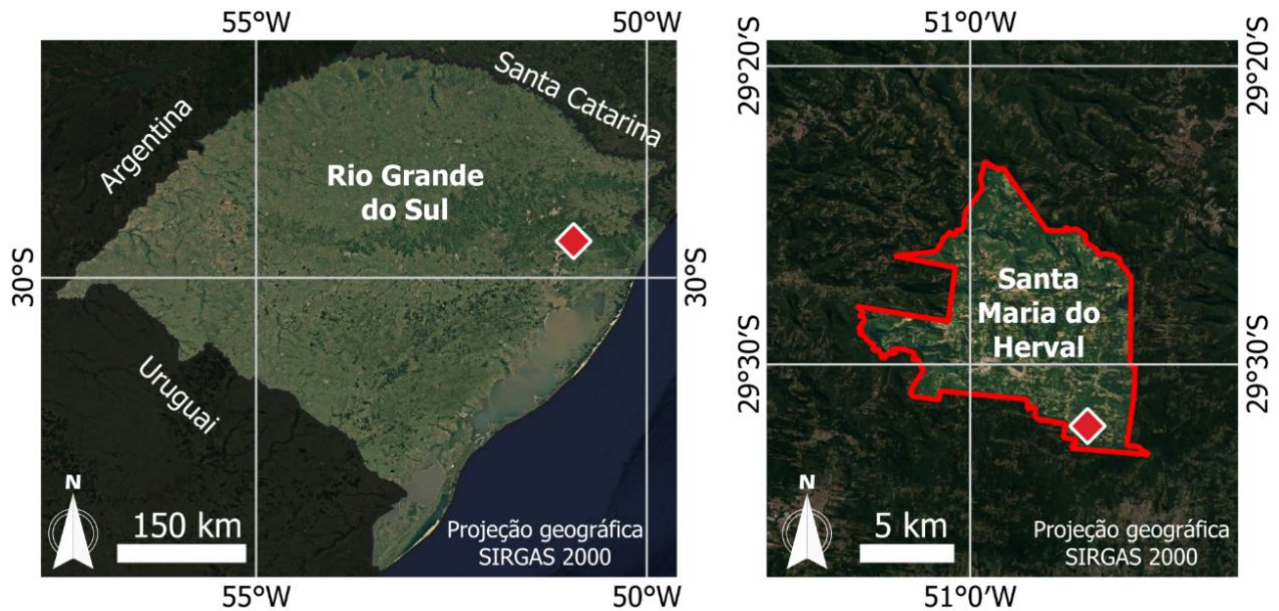
Estudar a composição das comunidades de vertebrados terrestres presentes em fragmentos florestais é importante para compreendermos as ações necessárias para a conservação dessas áreas e de sua biota. Por intermédio desse conhecimento desenvolvem-se medidas eficazes para reduzir os impactos negativos à biodiversidade e assim, geram melhorias nos serviços ecossistêmicos locais (Fonseca; Silva, 2019). É essencial inventariar as espécies devido a sua importância ecológica e, nesse contexto, o presente estudo objetiva inventariar, por meio de armadilhas fotográficas, as espécies de vertebrados terrestres que ocorrem em um remanescente de Mata Atlântica, localizado na zona rural do município de Santa Maria do Herval, Rio Grande do Sul.

2. Material e Métodos

2.1 Área de Estudo

O município de Santa Maria do Herval, com área territorial de 140,437 km² (IBGE, 2024) e cerca de 6.486 habitantes, conforme dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2025), está situado na Encosta da Serra Gaúcha. Apresenta uma geografia montanhosa, combinando morros, vales e matas nativas, apresentando uma infinidade de espécies arbóreas, cipós e samambaias, além de riachos que deságuam no Rio Cadeia, afluente do Rio Caí (Figura 1).

Figura 1 - Mapa de localização da área de estudo no município
 Figure 1 - Map showing the location of the study area within the municipality

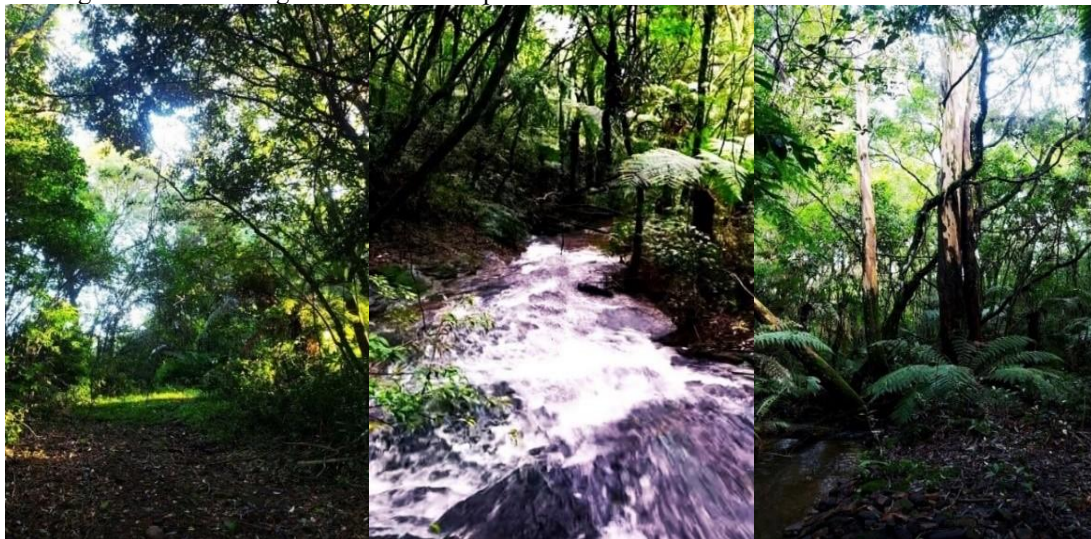


Enquadrada no Bioma Mata Atlântica, respaldado na Lei Federal nº 11.428, de 22 de dezembro de 2006 e o Decreto Nº 6.660, de 21 de novembro de 2008, a vegetação existente na região é constituída pela formação de Floresta Ombrófila Mista, também conhecida como Floresta de Araucária, devido a presença da *Araucaria angustifolia*. A área monitorada está localizada na zona rural do município, abrangendo aproximadamente 6,0 hectares. É composta por propriedades particulares vizinhas e situa-se a cerca de 10 km do centro do município, a 3 km de Igrejinha e 15 km de Gramado.

A área de monitoramento, com ponto referencial de coordenadas - 29°32'08.3"S 50°56'00.0"W (Figura 2), apresenta diferentes estágios de sucessão secundária, com remanescentes de Mata Atlântica em estágios inicial e médio de regeneração, assim como trechos de vegetação em estágio avançado, caracterizados por espécies arbóreas nativas, como a *Araucaria angustifolia*.

Figura 2 - Área de monitoramento com a presença de espécies nativas, como a *D. sellowiana* e um extenso curso hídrico

Figure 2 - Monitoring area with native species such as *D. sellowiana* and an extensive watercourse



Fonte: Autores (2025)

Essa diversidade estrutural evidencia a heterogeneidade do ecossistema local, conforme institui a Resolução CONAMA nº 33, de 7 de dezembro de 1994. Ocorre de forma notória a presença da *Dicksonia sellowiana*, espécie nativa do Rio Grande do Sul e da *Merostachys skvortzovii*, espécie de gramínea nativa da América do Sul, devido à presença de zona úmida. A área é marcada por uma grande declividade, presença de nascentes e riachos que desembocam em uma cascata com aproximadamente 30 metros de altura.

Em locais próximos à área, a atividade agrícola é intensa durante grande parte do ano, com cultivo predominante de hortaliças, como batata, mandioca e milho. Internamente, em outros pontos, ocorre o plantio de batata, sendo posteriormente o espaço utilizado para o crescimento de *Acacia mearnsii*. Em dezembro de 2024, foi realizada a abertura de uma estrada ao lado da área monitorada, juntamente com o desmatamento de mais de 2,5 hectares, impactando diretamente as espécies nativas e facilitando a entrada de espécies exóticas, como o *Canis lupus familiaris*.

2.2 Procedimentos Amostrais

O monitoramento na área foi conduzido continuamente, entre setembro de 2024 a setembro de 2025, perfazendo um total de 12 meses de observações. O levantamento de dados foi realizado por meio do método indireto, utilizando armadilhas fotográficas *Suntek Trail*, modelos HC-802A e HC-900pro, equipadas com sensores infravermelhos, acionados pelo movimento dos animais que transitam dentro do raio de ação, possibilitando a captura de imagens e/ou vídeos (diurnos e noturnos).

As armadilhas fotográficas (Figura 3) foram instaladas em pontos distintos, abrangendo tanto áreas de vegetação nativa, quanto de vegetação exótica, fixadas em troncos de árvores a aproximadamente 0,3 metros do solo. Os equipamentos foram programados para reiniciar a filmagem cinco segundos após cada registro, com duração média de dez segundos por gravação. As lentes foram direcionadas para locais relativamente abertos no interior da vegetação, preferencialmente próximos a cursos hídricos e trilhas utilizadas pela fauna.

Figura 3 - Armadilhas fotográficas instaladas em pontos como trilhas, áreas de vegetação aberta e proximidade a cursos hídricos no interior da área de estudo
 Figure 3 - Camera traps installed at locations such as trails, areas of open vegetation and near watercourses within the study area



Fonte: Autores (2025)

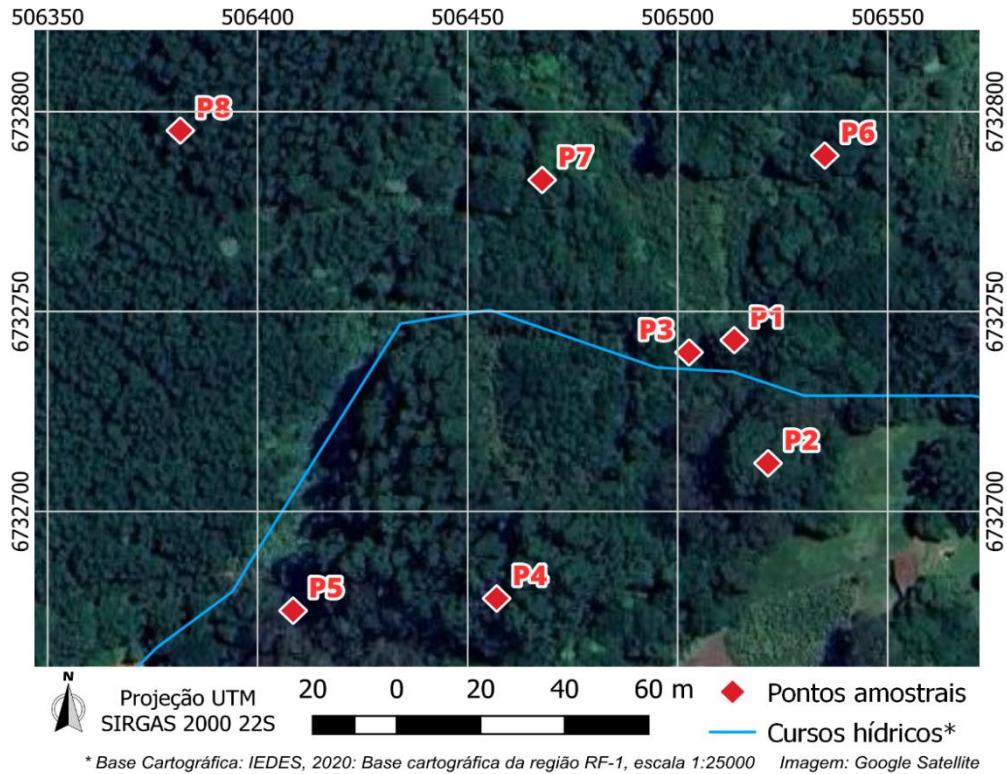
Durante 12 meses de monitoramento foram instaladas três armadilhas fotográficas em oito pontos distintos (Figura 4), selecionados aleatoriamente e com distâncias de aproximadamente 95 metros entre si. As espécies foram registradas tanto em períodos diurnos, quanto noturnos, e as coordenadas geográficas de cada armadilha foram obtidas por meio do aplicativo AlpineQuest (Tabela 1). Os cartões de memória foram recolhidos semanalmente, no período da manhã, e, rotineiramente, eram realizadas a limpeza das lentes e a higienização dos equipamentos com álcool 70% para garantir a qualidade dos registros.

Tabela 1 - Localização das armadilhas fotográficas na área de estudo, indicando: Unidade amostral (P) e Coordenadas Geográficas

Table 1 - Location of the camera traps in the study area, indicating: Sampling unit (P) and Geographic Coordinates

PONTO	LATITUDE	LONGITUDE
P1	29°32'05.80"S	050°55'58.00"W
P2	29°32'06.80"S	050°55'57.70"W
P3	29°32'05.90"S	050°55'58.40"W
P4	29°32'07.90"S	050°56'00.10"W
P5	29°32'08.00"S	050°56'01.90"W
P6	29°32'04.30"S	050°55'57.20"W
P7	29°32'04.50"S	050°55'59.70"W
P8	29°32'04.10"S	050°56'02.90"W

Figura 4 - Imagem de satélite da localização dos oito pontos de instalação das armadilhas fotográficas
 Figure 4 - Satellite image showing the locations of the eight camera trap sites



Objetivando atrair a fauna para perto das armadilhas foram colocados distintos atrativos alimentares, como frutas (banana, mamão, laranja, bergamota, maçã, caqui, manga, melancia, uva, goiaba, pêssego, pêra e abacaxi), tubérculos e hortaliças (batata-doce, batata, mandioca, pepino, chuchu e alface), proteína animal (carne bovina, carne de frango e ovos), espiga de milho e quirela, atraindo desta forma um número maior de espécies em função de seus diferentes hábitos alimentares.

A metodologia de monitoramento de animais por armadilhas fotográficas, instaladas nos oito pontos, na área de estudo, seguiu as propostas de Tomas e Miranda (2003), Wagner et al. (2019) e Rosa et al. (2025), para observação e registro de mastofauna. Antes da instalação das armadilhas, foi realizado um levantamento preliminar da área de estudo para identificar os locais mais adequados para a amostragem da fauna. Para isso, foram conduzidos censos visuais ao longo de transectos lineares (trilhas). Adicionalmente, realizou-se a procura ativa de rastros e vestígios (Emmons; Feer, 1999). Esses procedimentos permitiram a identificação de áreas com maior potencial de atividade faunística, subsidiando a definição dos pontos de instalação das armadilhas. A triagem dos vídeos e imagens, obtidos nas armadilhas fotográficas foi realizado por visualizações e conferências de dois pesquisadores (“double check”) para consolidação dos dados amostrados. Para confirmar as espécies, foram utilizadas listas específicas para cada grupo (Guedes; Entiauspe-Neto e Costa, 2023; Pacheco et al., 2021; Abreu et al., 2025).

3. Resultados e Discussão

O levantamento realizado no remanescente de Mata Atlântica em Santa Maria do Herval/RS resultou em 48.303 registros em vídeo, cada um com duração de dez segundos, totalizando 8.050,5 minutos de gravação. Foram identificadas 55 espécies de vertebrados, alocadas em 31 famílias e 15 ordens, incluindo um réptil, 21 mamíferos e 33 aves (Tabela 2).

Tabela 2 - Listagem taxonômica (Classe, Ordem, Família, Espécie e Nome Comum). Status de Conservação (RS), Decreto Estadual nº 51.797/2014: (CR, Criticamente em Perigo; EN, Em Perigo; VU, Vulnerável). Espécies marcadas com * são consideradas exóticas. A nomenclatura das espécies foi baseada nas listas oficiais disponibilizadas pela Sociedade Brasileira de Herpetologia (SBH), pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO) e pela Sociedade Brasileira de Mastozoologia (SBMz)

Table 2 - Taxonomic list (Class, Order, Family, Species and Common Name). Conservation Status (RS), State Decree Nº 51.797/2014: (CR, Critically Endangered; EN, Endangered; VU, Vulnerable). Species marked with * are considered exotic. The species nomenclature was based on the official lists provided by the Brazilian Herpetological Society (SBH), the Brazilian Committee on Ornithological Records (CBRO) and the Brazilian Society of Mammalogy (SBMz)

Família	Espécie	Nome Comum	Status de Conservação Decreto nº 51.797/2014 RS
Teiidae	<i>Salvator merianae</i>	Teiú	
Trochilidae	<i>Thalurania glaucopis</i>	Beija-flor-de-frente-violeta	
Columbidae	<i>Columbina picui</i>	Rolinha-picuí	
	<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-roxa	
	<i>Geotrygon montana</i>	Pariri	
	<i>Leptotila rufaxilla</i>	Juriti-de-testa-branca	
	<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti-pupu	
	<i>Zenaida auriculata</i>	Avoante	
Cracidae	<i>Ortalis squamata</i>	Aracuã-escamoso	
	<i>Penelope obscura</i>	Jacuguaçu	
Cuculidae	<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato	
Rallidae	<i>Aramides saracura</i>	Saracura-do-mato	
Dendrocolaptidae	<i>Lepidocolaptes falcinellus</i>	Arapaçu-escamoso-do-sul	
Formicariidae	<i>Chamaeza campanisona</i>	Tovaca-campainha	
Furnariidae	<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro	
Icteridae	<i>Chrysomus ruficapillus</i>	Garibaldi	
	<i>Icterus pyrrhopterus</i>	Encontro	
	<i>Molothrus bonariensis</i>	Chupim	
Thraupidae	<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica	
	<i>Haplospiza unicolor</i>	Cigarra-bambu	
	<i>Microspingus cabanisi</i>	Quete-do-sul	
	<i>Saltator similis</i>	Trinca-ferro	
	<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra	
	<i>Tachyphonus coronatus</i>	Tiê-preto	
	<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaço-cinzento	

Tinamidae	<i>Crypturellus obsoletus</i>	Inhambuquaçu	
Troglodytidae	<i>Troglodytes musculus</i>	Corruira	
Turdidae	<i>Turdus albicollis</i>	Sabiá-coleira	
	<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-barranco	
	<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá-laranjeira	
Tyrannidae	<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi	
Parulidae	<i>Myiothlypis leucoblephara</i>	Pula-pula-assobiador	
Passerellidae	<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico	
Ramphastidae	<i>Ramphastos dicolorus</i>	Tucano-de-bico-verde	
Cervidae	<i>Subulo gouazoubira</i>	Veado-catingueiro	
Canidae	<i>Canis lupus familiaris</i> *	Cão-doméstico	
	<i>Cerdocyon thous</i>	Graxaim-do-mato	
	<i>Lycalopex gymnocercus</i>	Graxaim-do-campo	
Felidae	<i>Felis catus</i> *	Gato-doméstico	
	<i>Herpailurus yagouaroundi</i>	Gato-mourisco	VU
	<i>Leopardus guttulus</i>	Gato-do-mato-pequeno	VU
	<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguatirica	VU
	<i>Leopardus wiedii</i>	Gato-maracajá	VU
Mustelidae	<i>Eira barbara</i>	Irara	VU
Procyonidae	<i>Nasua nasua</i>	Quati	VU
	<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada	
Dasyopodidae	<i>Dasyopus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	
Didelphidae	<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá-de-orelha-branca	
Myrmecophagidae	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim	VU
Atelidae	<i>Alouatta guariba clamitans</i>	Bugio-ruivo	VU
Cricetidae	<i>Akodon montensis</i>	Rato-do-chão	
Dasyproctidae	<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia	VU
Echimyidae	<i>Myocastor coypus</i>	Ratão-do-banhado	
Muridae	<i>Rattus norvegicus</i> *	Ratazana	
	<i>Rattus rattus</i> *	Rato-das-casas	

No grupo dos répteis, apenas a ordem Squamata foi registrada, representada por uma única espécie. Entre as aves, a ordem Passeriformes destacou-se por sua maior diversidade, com 20 espécies registradas. Nos mamíferos, a ordem Carnivora foi a mais representativa, com 11 espécies registradas, incluindo ameaçadas, classificadas como vulneráveis (VU), conforme os dados apresentados na Tabela 2.

Esse padrão de distribuição entre os grupos taxonômicos reforça a importância da área estudada para a manutenção da biodiversidade regional, demonstrando que, mesmo em fragmentos de menor extensão, a Mata Atlântica desempenha papel fundamental na conservação da fauna, ao abrigar espécies de diferentes níveis tróficos e com distintos graus de sensibilidade ambiental.

Durante o monitoramento foi registrado um indivíduo de *S. merianae* (Figura 5). Embora com baixa frequência, sua ocorrência indica que mesmo grupos com menor detectabilidade utilizam o remanescente. Trata-se de uma espécie diurna, terrestre e forrageadora ativa, de hábito onívoro e oportunista (Santos, 2020). Além de sua ampla plasticidade alimentar, desempenha papel ecológico relevante como dispersora de sementes (Abraão, 2019).

Figura 5 - Registro do *S. merianae* inventariado na área de estudo
Figure 5 - Record of *S. merianae* inventoried in the study area



Fonte: Autores (2025)

O estudo evidenciou que, entre as aves, *L. rufaxilla* (Figura 6A) e *T. albicollis* (Figura 6B) apresentaram o maior número de registros, enquanto entre os mamíferos, destacaram-se *C. thous* (Figura 6C) e *D. novemcinctus* (Figura 6D). A predominância dessas espécies generalistas indica alta adaptabilidade a ambientes antropizados e sua capacidade de persistir em áreas fragmentadas, sugerindo que o fragmento estudado funciona como refúgio para fauna tolerante a distúrbios.

Figura 6 - Registro das espécies inventariadas na área de estudo. Sendo A: *L. rufaxilla*; B: *T. albicollis*; C: *C. thous*; D: *D. novemcinctus*
Figure 6 - List of species recorded in the study area. Where A: *L. rufaxilla*; B: *T. albicollis*; C: *C. thous*; D: *D. novemcinctus*



Fonte: Autores (2025)

A mastofauna apresentou espécies exóticas invasoras, como *C. lupus familiaris* (Figura 7A), *F. silvestris catus* (Figura 7B), *R. rattus* (Figura 7C) e *R. norvegicus* (Figura 7D). Essas espécies são potencialmente prejudiciais à fauna nativa, podendo competir por recursos, transmitir patógenos, exercer pressão predatória e provocar desequilíbrios ecológicos (Santos et al., 2024). A alta incidência de cães domésticos indica forte influência antrópica na área estudada.

Figura 7 - Registro das espécies exóticas inventariadas na área de estudo. Sendo A: *C. lupus familiaris*; B: *F. silvestris catus*; C: *R. rattus*; D: *R. norvegicus*
 Figure 7 - Record of exotic species inventoried in the study area. Where A: *C. lupus familiaris*; B: *F. silvestris catus*; C: *R. rattus*; D: *R. norvegicus*



Fonte: Autores (2025)

Durante o estudo, foram registrados apenas indivíduos isolados das espécies *S. merianae*, *C. ruficapillus*, *L. falcinellus*, *M. leucoblephara*, *P. cayana*, *R. dicolorus*, *T. glaucopsis*, *T. musculus*, *D. azarae*, *H. yagouaroundi*, *L. pardalis*, *N. nasua* e *T. tetradactyla*. Essa baixa frequência pode indicar densidades populacionais reduzidas no fragmento estudado ou distribuição agregada, com indivíduos concentrados em locais específicos devido à disponibilidade de recursos ou interações sociais (Krebs, 1998).

Além disso, algumas dessas espécies, como *H. yagouaroundi* e *L. pardalis* possuem comportamento elusivo, o que dificulta sua detecção em campo (Silveira; Jácomo e Diniz-Filho, 2003). Ressalta-se que a detecção de apenas um indivíduo não significa ausência da espécie em outras áreas, fatores como o número limitado de pontos amostrais e o esforço amostral podem influenciar a captura de espécies raras ou com distribuição restrita (Brose et al., 2004).

Em relação ao status de conservação, foram identificadas nove espécies classificadas como vulneráveis (VU) pelo Decreto Estadual nº 51.797/2014, sendo elas; *E. barbara* (Figura 8A), *N. nasua* (Figura 8B), *L. pardalis* (Figura 8C), *L. guttulus* (Figura 8D), *A. guariba clamitans* (Figura 8E), *H. yagouaroundi* (Figura 8F), *L. wiedii* (Figura 8G), *D. azarae* (Figura 8H) e *T. tetradactyla* (Figura 8I).

A presença dessas espécies ameaçadas, mesmo em fragmentos reduzidos, reforça o papel desses remanescentes como corredores ecológicos e refúgios fundamentais, especialmente em áreas sob forte pressão de fragmentação e urbanização.

Figura 8 - Registro das espécies inventariadas na área de estudo com grau de ameaça “VU” para o estado do Rio Grande do Sul. Sendo A: *E. barbara*; B: *N. nasua*; C: *L. pardalis*; D: *L. guttulus*; E: *A. guariba clamitans*;

F: *H. yagouaroundi*; G: *L. wiedii*; H: *D. azarae*; I: *T. tetradactyla*

Figure 8 - List of species inventoried in the study area with a “VU” threat status for the state of Rio Grande do Sul. Where A: *E. barbara*; B: *N. nasua*; C: *L. pardalis*; D: *L. guttulus*; E: *A. guariba clamitans*; F: *H. yagouaroundi*; G: *L. wiedii*; H: *D. azarae*; I: *T. tetradactyla*





Fonte: Autores (2025)

O armadilhamento fotográfico é uma metodologia não invasiva, que oferece dados confiáveis, sendo normalmente utilizada para estudos de fauna silvestre de médio e grande porte, especialmente de mamíferos. Por não ser necessária a presença do observador a todo momento, reduz significativamente o estresse e o afugentamento dos animais. Com a instalação dos equipamentos a 0,3 m do solo, 33 espécies de aves foram registradas, ocupando o sub-bosque e solo, nichos caracterizados por alta umidade e baixa luminosidade. Algumas espécies de dossel, como *Piaya cayana*, *Coereba flaveola* e *Saltator similis*, ocupando esses nichos (sub-bosque e solo), provavelmente refletem o efeito da fragmentação florestal na região.

A área monitorada atua como um corredor ecológico, definido como um “cordão de vegetação nativa” responsável por conectar fragmentos florestais. Os corredores ecológicos são considerados como uma possível solução para potencializar a capacidade das espécies de movimentarem-se por entre os fragmentos, aumentando o número de espécies em cada um deles, representando um conector de fragmentos importante para a manutenção da biodiversidade (Araújo; Bastos, 2019).

A execução de monitoramentos de fauna é um procedimento fundamental para que sejam estabelecidas estratégias que visam a conservação de espécies residentes em áreas ameaçadas. Também é uma atividade crucial para que sejam obtidos indicadores sobre determinados grupos que compõem a biodiversidade de uma região, e para se mensurar o progresso das comunidades biológicas, dos fatores abióticos, e de todas as relações entre as espécies silvestres (Nascimento et al., 2022).

4. Conclusão

O presente estudo realizado em um remanescente de Mata Atlântica no município de Santa Maria do Herval/RS evidenciou uma elevada diversidade de vertebrados, com o registro de 55 espécies alocadas em 31 famílias e 15 ordens. Entre elas, destacam-se nove espécies classificadas como vulneráveis pela legislação estadual, o que reforça a relevância ecológica da área como refúgio para a fauna nativa e como ponto estratégico de conectividade em uma paisagem marcada pela fragmentação. A ocorrência de espécies generalistas como *C. thous* e *D. novemcinctus*, indica a resiliência de alguns grupos diante de ambientes antropizados. Por outro lado, o registro de espécies exóticas invasoras, como cães e gato doméstico, bem como ratos, demonstra um fator de preocupação, uma vez que representam ameaça direta às populações silvestres por meio da predação, competição e transmissão de patógenos.

Nesse contexto, destaca-se a relevância do armadilhamento fotográfico como ferramenta eficiente e não invasiva para o monitoramento da fauna, permitindo o registro de espécies de diferentes hábitos e nichos ecológicos. A continuidade de monitoramentos de longo prazo, aliada a medidas de manejo e controle de espécies exóticas, mostra-se essencial para garantir a preservação das espécies ameaçadas e a integridade dos ecossistemas locais. Os dados oriundos deste estudo reforçam a importância da realização de inventários faunísticos, sendo este um inestimável instrumento para o monitoramento da biodiversidade, contribuindo desta forma para a conservação da fauna.

5. Referências

- Abrahão, C. R. (2019). **Estratégias para o manejo do teiú (*Salvator merianae* Duméril & Bibron, 1839), um lagarto invasor no arquipélago de Fernando de Noronha, PE, Brasil**. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 125.
- Abreu, E. F., Casali, D. M., Garbino, G. S. T., Loss, A. C., Moras, L. M., Nascimento, F. O., Oliveira, M. L., Pavan, S. E., Percequillo, A. R., Nascimento, M. C. (2025). **Lista de Mamíferos do Brasil**. Zenodo. 2025-1.
- Araújo, T. M. S., Bastos, F. H. (2019). Corredores ecológicos e conservação da biodiversidade: aportes teóricos e conceituais. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, 21(2), 716-729.
- Artaxo, P. (2020). As três emergências que nossa sociedade enfrenta: saúde, biodiversidade e mudanças climáticas. **Estudos avançados**, 34(100), 53-66.
- Aximof, I., Cronemberge, C., Pereira, F. A. (2015). Amostragem de longa duração por armadilhas fotográficas dos Mamíferos Terrestres em dois Parques Nacionais no estado do Rio de Janeiro. **Oecologia Australis**, 19(1), 215-231.
- Bernardes, P. R. (2022). Mamíferos carnívoros das Unidades de Conservação do Brasil: Composição, Riqueza e Conservação. Dissertação de mestrado. Instituto Federal Goiano, Goiás, Rio Verde, Brasil, 48.
- Bôlla, D. A. S., Ceron, K., Carvalho, F., Matia, D. L., Luiz, M. R., Panatta, K. A., Pavei, D. D., Mendonça, R. Á., Zocche, J. José. (2017). Mastofauna terrestre do Sul de Santa Catarina: mamíferos de médio e grande porte e voadores. **Tecnologia e Ambiente**, 23(1), 61-78.
- Branco, A. F. V. C., Lima, P. V. P. S., Medeiros-Filho, E. S. D., Costa, B. M. G., Pereira, T. P. (2021). Avaliação da perda da biodiversidade na Mata Atlântica. **Ciência Florestal**, 31(4), 1885-1909.
- BRASIL. **Decreto Nº 6.660, de 21 de novembro de 2008, regulamenta dispositivos da Lei no 11.428, de 22 de dezembro de 2006, que dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica**. Diário Oficial da União, 21 de nov. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Decreto/D6660.htm>>. Acessado em: janeiro/2025. 2008.
- BRASIL. **Lei Federal nº 11.428, de 22 de dezembro de 2006, dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica, e dá outras providências**. Diário Oficial da União, 22 de dez. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111428.htm>. Acessado em: janeiro/2025. 2006.
- BRASIL. **Resolução CONAMA nº 33, de 7 de dezembro de 1994, define estágios sucessionais das formações vegetais que ocorrem na região da Mata Atlântica do Estado do Rio Grande do Sul, visando viabilizar critérios, normas e procedimentos para o manejo, utilização racional e conservação da vegetação natural**. Diário Oficial da União, 7 de nov. Disponível em: <<https://sema.rs.gov.br/upload/arquivos/201612/02142051-resolucao-conama-n-33.pdf>>. Acessado em: janeiro/2025. 1994.
- Brose, U., Ostling, A., Harrison, K., Martinez, N. D. (2004). Unified spatial scaling of species and their trophic interactions. **Nature**, 428(6979), 167-71.

- Cardoso, J. T. (2016). A Mata Atlântica e sua conservação. **Revista Encontros Teológicos**, 31(3), 441-458.
- Emmons, L. H., Feer, F. (1999). **Neotropical Rainforest Mammals: A field guide**. 2 ed. The University of Chicago Press, Chicago, 396.
- Fonseca, A. R., Silva, G. A. (2019). Mamíferos terrestres de médio e grande porte em uma área de reserva legal na região centro-oeste de Minas Gerais, Brasil. **Biotemas**, 32(4), 79-88.
- Guedes, T. B., Entiauspe-Neto, O. M., Costa, H. C. (2023). Lista de répteis do Brasil. **Zenodo**, (12), 56-161.
- Instituto Brasileiro de Florestas. **Bioma Mata Atlântica**. Disponível em: <<https://www.ibflorestas.org.br/bioma-mata-atlantica>>. Acesso em: 16/01/2025.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 16/01/2025.
- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade-SALVE**. Disponível em: <<https://salve.icmbio.gov.br>>. Acesso em: 16/12/2025.
- Krebs, C. J. (1998). **Ecological Methodology**. 2nd Edition. Addison Wesley Longman, Menlo Park.
- Laboratório de Herpetologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. **Lista das espécies de répteis do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/herpetologia>>. Acesso em: 16/01/2025.
- Leonildo Piovesan. **Aves do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<https://leonildopiovesan.com.br/banco-de-imagens/aves/passaros/>>. Acesso em: 16/01/2025.
- Marques, R. V., Cademartori, C. V., Pacheco, S. M. (2011). Mastofauna no Planalto das Araucárias, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, 9(3), 278-288.
- Moraes, W. M., Roman, C., Cáceres, N. C. (2024). **Mamíferos do Rio Grande do Sul**. Editora UFSM.
- Nascimento, Y., Júnior, L. S. S., Santos, M. S., Dias, C. P., Caldas, E. M. (2022). A importância das atividades de monitoramento da fauna. **Diversitas Journal**, 7(4).
- Pacheco, J. F., Silveira, L. F., Aleixo, A., Agne, C. E., Bencke, G. A., Bravo, G. A., Brito, G. R. R., Cohn-Half, M., Maurício, G. N., Naka, L. N., Olmos, F., Posso, S. R., Lees, A. C., Figueiredo, L. F. A., Carrano, E., Guedes, R. C., Cesari, E., Franz, I., Schunck, F., Piacentini, V. Q. (2021). Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee – second edition. **Ornithology Research**, (2), 94-105.
- RIO GRANDE DO SUL. **Decreto nº 51.797, de 8 de setembro de 2014, declara as Espécies da Fauna Silvestre Ameaçadas de Extinção no Estado do Rio Grande do Sul**. Diário Oficial da União, 8 de set. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/rs/decreto-n-51797-2014-rio-grande-do-sul-declara-as-especies-da-fauna-silvestre-ameacadas-de-extincao-no-estado-do-rio-grande-do-sul>>. Acessado em: janeiro/2025. 2014.

Rosa, C., Silva, B. L., Senden, R. D., Camacho, A. A., Jesus, A., Rabelo, R. M., Bergallo, H. G. (2025). Protocolo para amostragem de mamíferos de médio e grande porte terrestres e arborícolas com armadilhas fotográficas em parcelas rapeld. **EDUCamazônia**, 18, 16.

Santos, E. V. D. (2020). **Biologia reprodutiva do lagarto Teiú, *Salvator merianae* (Duméril & Bibron, 1839) (Squamata, Teiidae)**. Trabalho de conclusão de curso, Instituto Butantan, São Paulo, Brasil, 62.

Santos, L. B., Hasui, É., Lima, F. S., Ribeiro, M. C., Alves, R. S. C., Cunha, R. G. T. (2024, outubro). Efeito do cão doméstico (*Canis lupus familiaris*) na complexidade das redes de interações predador-presa. **Anais do 21 Congresso Nacional de Meio Ambiente**, Minas Gerais. Poços de Caldas: ECIARF, Brasil, (1), 1-12.

Silveira, L., Jácomo, A. T., Diniz-Filho, J. A. F. (2003). Camera trap, line transect census and track surveys: a comparative evaluation. **Biological conservation**, 114(3), 351-355.

Tomas, W. M., Miranda, G. H. (2003). Uso de armadilhas fotográficas em levantamentos populacionais. **Métodos de estudo em biologia da conservação e manejo da vida silvestre**, 243-267.

Wagner, J. P. D., Pegoretti, H. F., Cardoso, C. L., Oiwa, H. J., Rincon, L. M. (2019). Armadilhas fotográficas: métodos e técnicas para instalação em campo e tratamento de dados. **TAS Journal**, 3(4), 343-357.

Weber, M. M., Roman, C., Cáceres, N. C. (2013). **Mamíferos do Rio Grande do Sul**. Santa Maria: Editora UFSM.